

LIVRO DE LETRAS

1991

VINICIUS DE MORAES

COLEÇÃO
VINICIUS DE MORAES
COORDENAÇÃO
EDITORIAL
EUCANAÃ FERRAZ

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by V. M. Cultural
Copyright © 2015 by José Castello
Ver Copyright das letras na p. 331

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Raul Loureiro/Claudia Warrak
Imagens de capa
Acervo VH/Folhapress
Pesquisa iconográfica
Eucanaã Ferraz
Pesquisa
Beatriz Calderari de Miranda
José Castello
Índice de letras, primeiros versos e parceiros
Daniel de André
Preparação
Jaime Azenha
Revisão
Mariana Zanini
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moraes, Vinicius de, 1913-1980.
Livro de letras / Vinicius de Moraes; pesquisa [Beatriz
Calderari de Miranda, José Castello]. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2015. — (Coleção Vinicius de Moraes
/ coordenação editorial Eucanaã Ferraz)

ISBN 978-85-359-2559-3

1. Moraes, Vinicius de, 1913-1980 2. Música popular – Brasil –
Letras I. Miranda, Beatriz Calderari de II. Castello, José
III. Ferraz, Eucanaã IV. Título. V. Série

15-00819

CDD-784.50981
-781.630981
-927.80981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Canções populares: Letras 784.50981
2. Brasil: Letras: Canções populares 784.50981
3. Brasil: Música popular 781.630981
4. Brasil: Músicos: Biografia e obra 927.80981

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: [11] 3707 3500
Fax: [11] 3707 3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

VINICIUS & TOM	7
VINICIUS & BADEN	37
VINICIUS & LYRA	61
VINICIUS & TOQUINHO	77
VINICIUS & OUTROS PARCEIROS	121
VINICIUS CONSIGO MESMO	197

Posfácio

Da poesia à canção: notas sobre o Vinicius de Moraes letrista,
por Paulo da Costa e Silva 209

Arquivo

Os bons fados de Vinicius e Baden, por Alexandre O'Neill 223
Um poeta bem acompanhado, por José Castello 225
Uma reta ascendente para o infinito, por Eucanaã Ferraz 285

Discografia 317

Cronologia 321

Agradecimentos 329

Créditos das letras 331

Créditos das imagens 337

Índice de letras, primeiros versos e parceiros 339

**VINICIUS
& TOM**

ÁGUA DE BEBER

Eu quis amar mas tive medo
E quis salvar meu coração
Mas o amor sabe um segredo
O medo pode matar o seu coração

Água de beber
Água de beber, camará
Água de beber
Água de beber, camará

Eu nunca fiz coisa tão certa
Entrei pra escola do perdão
A minha casa vive aberta
Abri todas as portas do coração

Água de beber
Água de beber, camará
Água de beber
Água de beber, camará

Eu sempre tive uma certeza
Que só me deu decepção
É que o amor é uma tristeza
Muita mágoa demais para um coração

Água de beber
Água de beber, camará
Água de beber
Água de beber, camará

AMOR EM PAZ

Eu amei
Eu amei, ai de mim, muito mais
Do que devia amar
E chorei
Ao sentir que iria sofrer
E me desesperar

Foi então
Que da minha infinita tristeza
Aconteceu você
Encontrei em você a razão de viver
E de amar em paz
E não sofrer mais

Nunca mais
Porque o amor é a coisa mais triste
Quando se desfaz

ANDAM DIZENDO

Andam dizendo na noite
Que eu já não te amo
Que eu saio na noite
Mas já não te chamo
Que eu ando talvez
Procurando outro amor

Mas ninguém sabe, querida
O que é ter carinho
Que eu saio na noite
Mas fico sozinho
Mais perto da lua
Mais perto da dor
Perto da dor de saber
Que o meu céu não existe
Que tudo que nasce
Tem sempre um triste fim
Até meu carinho, até nosso amor

BRASÍLIA, SINFONIA DA ALVORADA

I – O PLANALTO DESERTO

No princípio era o ermo
Eram antigas solidões sem mágoa.
O altiplano, o infinito descampado
No princípio era o agreste:

O céu azul, a terra vermelho-pungente
E o verde triste do cerrado.
Eram antigas solidões banhadas
De mansos rios inocentes
Por entre as matas recortadas.
Não havia ninguém. A solidão
Mais parecia um povo inexistente
Dizendo coisas sobre nada.
Sim, os campos sem alma
Pareciam falar, e a voz que vinha
Das grandes extensões, dos fundões
[crepusculares
Nem parecia mais ouvir os passos
Dos velhos bandeirantes, os rudes
[pioneiros
Que, em busca de ouro e diamantes,
Ecoando as quebradas com o tiro
[de suas armas,
A tristeza de seus gritos e o tropel
De sua violência contra o índio,
[estendiam
As fronteiras da pátria muito além
[do limite dos tratados.
— Fernão Dias, Anhanguera,
[Borba Gato,
Vós fostes os heróis das primeiras
[marchas para o oeste,
Da conquista do agreste
E da grande planície ensimesmada!

Mas passastes. E da confluência
Das três grandes bacias
Dos três gigantes milenares:
Amazonas, São Francisco, Rio
[da Prata;
Do novo teto do mundo, do planalto
[iluminado
Partiram também as velhas tribos
[malferidas
E as feras aterradas.
E só ficaram as solidões sem mágoa
O sem-termo, o infinito descampado
Onde, nos campos gerais do fim
[do dia
Se ouvia o grito da perdiz
A que respondia nos estirões de mata
[à beira dos rios
O pio melancólico do jaó.
E vinha a noite. Nas campinas
[celestes
Rebrilhavam mais próximos as
[estrelas
E o Cruzeiro do Sul resplandecente
Parecia destinado
A ser plantado em terra brasileira:
A Grande Cruz alçada
Sobre a noturna mata do cerrado
Para abençoar o novo bandeirante
O desbravador ousado
O ser de conquista
O Homem!

II – O HOMEM

Sim, era o Homem,
Era finalmente, e definitivamente,
[o Homem.
Viera para ficar. Tinha nos olhos
A força de um propósito: permanecer,
[vencer as solidões
E os horizontes, desbravar e criar, fundar
E erguer. Suas mãos
Já não traziam outras armas
Que as do trabalho em paz. Sim,
Era finalmente o Homem: o Fundador.
[Trazia no rosto
A antiga determinação dos bandeirantes,
Mas já não eram o ouro e os diamantes
[o objeto
De sua cobiça. Olhou tranquilo o sol
Crepuscular, a iluminar em sua fuga
[para a noite
Os soturnos monstros e feras do poente.
Depois mirou as estrelas, a luzirem
Na imensa abóbada suspensa
Pelas invisíveis colunas da treva.
Sim, era o Homem...
Vinha de longe, através de muitas solidões,
Lenta, penosamente. Sofria ainda
[da penúria
Dos caminhos, da dorlência dos desertos,
Do cansaço das matas enredadas
A se entredorarem na luta subterrânea
De suas raízes gigantescas e no abraço
[uníssonos
De seus ramos. Mas agora
Viera para ficar. Seus pés plantaram-se

Na terra vermelha do altiplano.
[Seu olhar
Descortinou as grandes extensões
[sem mágoa
No círculo infinito do horizonte.
[Seu peito
Encheu-se do ar puro do cerrado.
[Sim, ele plantaria
No deserto uma cidade muito
[branca e muito pura...

Citação de Oscar Niemeyer

— “... como uma flor naquela terra
agreste e solitária...”
— Uma cidade erguida em plena solidão
do descampado

Niemeyer

— “... como uma mensagem
permanente de graça e poesia...”
— Uma cidade que ao sol vestisse
um vestido de noivado

Niemeyer

— “... em que a arquitetura se destacasse
branca, como que flutuando
na imensa escuridão do planalto...”
— Uma cidade que de dia trabalhasse
alegremente

Niemeyer

— “... numa atmosfera de digna
monumentalidade...”
— E à noite, nas horas do langor
e da saudade

Niemeyer

— “... numa luminação feérica e
dramática...”

— Dormisse num Palácio de Alvorada!

Niemeyer

— “... uma cidade de homens felizes,
homens que sintam a vida em toda
a sua plenitude, em toda a sua fragilidade;
homens que compreendam o valor
das coisas puras...”

— E que fosse como a imagem
do Cruzeiro
No coração da pátria derramada.

Citação de Lúcio Costa

— “... nascida do gesto primário de quem
assinala um lugar ou dele toma posse:
dois eixos que se cruzam em ângulo reto,
ou seja, o próprio sinal da cruz.”

III – A CHEGADA DOS CANDANGOS

Tratava-se agora de construir:
e construir um ritmo novo.
Para tanto, era necessário convocar
todas as forças vivas da Nação,
todos os homens que, com vontade
de trabalhar e confiança no futuro,
pudessem erguer, num tempo novo,
um novo Tempo.

E, à grande convocação que
conclamava o povo para a gigantesca
tarefa, começaram a chegar
de todos os cantos da imensa pátria
os trabalhadores: os homens simples
e quietos, com pés de raiz, rostos
de couro e mãos de pedra, e que,
no calcanho, em carro de boi,
em lombo de burro, em paus de arara,

por todas as formas possíveis e imagináveis, começaram a chegar de todos os lados da imensa pátria, sobretudo do Norte; foram chegando do Grande Norte, do Meio Norte e do Nordeste, em sua simples e áspera doçura; foram chegando em grandes levas do Grande Leste, da Zona da Mata, do Centro-Oeste e do Grande Sul; foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria...

Dois locutores alternados

— Boa Viagem! Boca do Acre! Água Branca! Vargem Alta! Amargosa! Xique-xique! Cruz das Almas! Areia Branca! Limoeiro! Afogados! Morenos! Angelim! Tamboril! Palmares! Taperoá! Triunfo! Aurora! Campanário! Águas Belas! Passagem Franca! Bom Conselho! Brumado! Pedra Azul! Diamantina! Capelinha! Capão Bonito! Campinas! Canoinhas! Porto Belo! Passo Fundo!

Locutor nº 1

— Cruz Alta...

Locutor nº 2

— Que foram chegando de todos os lados da imensa pátria...

Locutor nº 1

— Para construir uma cidade branca e pura...

Locutor nº 2

— Uma cidade de homens felizes...

IV—O TRABALHO E A CONSTRUÇÃO

— Foi necessário muito mais que engenho, tenacidade e invenção. Foi necessário 1 milhão de metros cúbicos de concreto, e foram necessárias 100 mil toneladas de ferro redondo, e foram necessários milhares e milhares de sacos de cimento, e 500 mil metros cúbicos de areia, e 2 mil quilômetros de fios.

— E 1 milhão de metros cúbicos de brita foi necessário, e quatrocentos quilômetros de laminados, e toneladas e toneladas de madeira foram necessárias. E 60 mil operários! Foram necessários 60 mil trabalhadores vindos de todos os cantos da imensa pátria, sobretudo do Norte! 60 mil candangos foram necessários para desbastar, cavar, estaquear, cortar, serrar, pregar, soldar, empurrar, cimentar, aplainar, polir, erguer as brancas empenas...

— Ah, as empenas brancas!

— Como penas brancas...

— Ah, as grandes estruturas!

— Tão leves, tão puras...

Como se tivessem sido depositadas de manso por mãos de anjo na terra vermelho-pungente do planalto, em meio à música inflexível, à música lancinante, à música matemática do trabalho humano era progressão...

O trabalho humano que anuncia que a sorte está lançada e a ação é irreversível.

Cantochão

E ao crepúsculo, findo o labor do dia, as rudes mãos vazias de trabalho e os olhos cheios de horizontes que não têm fim, partem os trabalhadores para o descanso, na saudade de seus lares tão distantes e de suas mulheres tão ausentes. O canto com que entristecem ainda mais o sol-das-almas a morrer nas antigas solidões parece chamar as companheiras que se deixaram ficar para trás, à espera de melhores dias; que se deixaram ficar na moldura de uma porta, onde devem permanecer ainda, as mãos cheias de amor e os olhos cheios de horizontes que não têm fim. Que se deixaram ficar muitas terras além, muitas serras além, na esperança de um dia, ao lado de seus homens, poderem participar também da vida da cidade nascendo em comunhão com as estrelas. Que viram, uma manhã, partir os companheiros em busca do trabalho com que lhes dar uma pequena felicidade que não possuem, um pequeno nada com que poder sentir brilhar o futuro no olhar de seus filhos. Esse mesmo trabalho que agora, findo o labor do dia, encaminha os trabalhadores em bando para a grande e fundamental solidão da noite que cai sobre o planalto... “Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.”

(BRASÍLIA, 2 DE OUTUBRO DE 1956)
PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA

V – CORAL

I

(Coro Masculino:)

Brasília

Brasília

Brasília

Brasília

Brasília

BRASIL!

II

(Coro Masculino:)

Brasília

Brasília

Brasília

Brasília

Brasília

BRASIL!

III

(Coro Misto:)

Brasília

Brasília

Brasília

Brasília

Brasília

BRASIL!

VI

Terra de sol

Terra de luz

Terra que guarda no céu

A brilhar o sinal de uma cruz

Terra de luz

Terra-esperança, promessa

De um mundo de paz e de amor

Terra de irmãos

Ó alma brasileira...

... Alma brasileira...

Terra-poesia de canções e de perdão

Terra que um dia encontrou seu coração

Brasil! Brasil!

Ah... Ah... Ah...

Brasília!

Dlem! Dlem!

Ô... ô... ô... ô...

BRIGAS NUNCA MAIS

Chegou, sorriu, venceu, depois
[chorou
Então fui eu quem consolou sua
[tristeza
Na certeza de que o amor tem
[dessas fases más
E é bom para fazer as pazes, mas
Depois fui eu quem dela precisou
E ela então me socorreu
E o nosso amor mostrou que veio
[pra ficar
Mais uma vez por toda vida
Bom é mesmo amar em paz
Brigas nunca mais

A CACHORRINHA

Mas que amor de cachorrinha!
Mas que amor de cachorrinha!

Pode haver coisa no mundo
Mais branca, mais bonitinha
Do que a tua barriguinha
Crivada de mamiquinha?
Pode haver coisa no mundo
Mais travessa, mais tontinha
Que esse amor de cachorrinha
Quando vem fazer festinha
Remexendo a traseirinha?
Uau, uau, uau, uau!
Uau, uau, uau, uau!

CALA, MEU AMOR

Entra, meu amor
Bom você voltar
De onde vem você
Cansado assim?

Vejo tanta dor
No teu triste olhar
Este olhar que, outrora
Se acendia só pra mim

Cala, meu amor
Fala, meu amor
É melhor você nada contar

Venha aos braços meus
Que os abraços meus
Vão finalmente te fazer chorar

CAMINHO DE PEDRA

Velho caminho por onde passou
Carro de boi, boiadeiro gritando ô ô

Velho caminho por onde passou
O meu carinho chamando por mim ô ô

Caminho perdido na serra
Caminho de pedra onde não vai ninguém

Só sei que hoje tenho em mim
Um caminho de pedra no peito também

Hoje sozinho não sei pra onde vou
É o caminho que vai me levando ô ô

CANÇÃO DO AMOR DEMAIS

Quero chorar porque te amei demais
Quero morrer porque me deste a vida

Oh, meu amor, será que nunca hei
[de ter paz

Será que tudo que há em mim
Só quer sentir saudade

E já nem sei o que vai ser de mim
Tudo me diz que amar será meu fim

Que desespero traz o amor!
Eu nem sabia o que era o amor
Agora sei por que não sou feliz

CANÇÃO EM MODO MENOR

Porque cada manhã me traz
O mesmo sol sem resplendor
E o dia é só um dia a mais
E a noite é sempre a mesma dor
Porque o céu perdeu a cor
E agora em cinzas se desfaz
Porque eu já não posso mais
Sofrer a mágoa que sofri
Porque tudo que eu quero é paz
E a paz só pode vir de ti
Porque meu sonho se perdeu
E eu sempre fui um sonhador
Porque perdidos são meus ais
E foste para nunca mais

Oh, meu amor
Porque minha canção morreu
No apelo mais desolador
Porque a solidão sou eu
Oh, volta aos braços meus, amor, amor

CANTA, CANTA MAIS

Canta, canta
Sente a beleza
Canta, canta
Esquece a tristeza
Tanta, tanta
Tanta tristeza
Canta
Ah...

Canta, canta
Canta, vai, vai
Segue cantando em paz
Canta, canta
Canta mais

CHEGA DE SAUDADE

Vai, minha tristeza
E diz a ela que sem ela não pode ser
Diz-lhe numa prece
Que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer

Chega de saudade
A realidade é que sem ela
Não há paz, não há beleza
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim
Não sai de mim
Não sai

Mas se ela voltar
Se ela voltar
Que coisa linda
Que coisa louca
Pois há menos peixinhos a nadar no mar
Do que os beijinhos que eu darei na
[sua boca]

Dentro dos meus braços os abraços
Hão de ser milhões de abraços
Apertado assim, colado assim, calado assim,
Abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim
Que é pra acabar com esse negócio
De você viver sem mim
Não quero mais esse negócio
De você longe de mim...
Vamos deixar desse negócio
De você viver sem mim...